

Scena infantil

Cabria a tarde triste e chuvosa, como o são as tardes hibernas.

A rua deserta parecia adormecer nas meias sombras d'uma noite proxima, lavada pelas grossas enxurradas do inverno opportuno e benéfico.

Os mistérios da profissão do Sr. Leandro chamavam-no a certo bairro distante, e por este motivo não teve mais tempo a perder; tomou o guarda-chuva e a capa foi serviço de um momento, e logo hoto-se o homem na rua a passos largos, absorbo na indagação indefinida do que havia e do que lhe queriam. Leandro sabia muito bem que o homem e captivo do trabalho como meio licito de garantir a subsistencia, e porque o trabalho é o mais interessante factor da conservação da saúde e do equilibrio do espirito.

Em casa não D. Luiza, a esposa leal eterna. Como de habito, acompanhou o esposo até a porta na preocupação constante de suavisar-lhe a semsaboria e d'ahi recomendo-lhe que voltasse cedo.

— Bem cedo, sim?... e quando co'o tempo.

Cumprimentaram-se e enquanto elle partia ella foi observando da janella até ver extinguir-se o seu perfil a luz que do lampião da esquina se abria em leque sobre a rua.

Em seguida foi ao piano, dedilhou distrahida, mas correctamente. *La donna è mobile* e d'ahi se ficou en-

saiando exercitios caprichosos e de posições difficilissimas, numa dedicacão paciente e penosa.

E os pequenos? Sim, a estes vamos encenar no gabinete de estudos do seu papa.

Arnaldo abandonou a grammatica e tomando o siphão que ate alli esteve caridosamente guardado a um canto da mesa de trabalho de Leandro, cuidou de preparar uma porção da agua artificial de Seltz.

Sentelhaunamente como muitas vezes vira o papa praticar, tratou de deitar no vidro certa quantidade de agua.

Em seguida, tomou numa e lliêr, distributivamente, duas partes de bicarbonato de soda e uma de acido tartarico, que com auxilio de um separador e um pequeno funil introduziu no bujo superior do vidro, fechando o hermeticamente.

Mas, o Arnaldo esqueceu-se de transportar um pouco do liquido do bujo inferior para o superior, afim de obter a dissolução dos dois corpos.

E demorou-se o rapazito a esperar que a agua ficasse carregada do gaz acido carbonico.

A cada instante ria-se, intimamente satisfeito da maneira facil e tranquilla com que podia dar curso a sua traquinada clandestina.

Ninguem o incommodava.

Em tempo veio a creta que acendeu uma lampada, e sem mais cuidados retirou-se a dar cumprimento aos seus deveres.

Edmundo, o irmão mais moço, enquanto Arnaldo trabalhava com o siphão, e apesar de constantes observações de seu pae tão extremos, procurava insistentemente desarrólar um vidro de acido phenico compromettendo-se sem consciencia a ser victima de uma queimadura pe'o terrivel corrosivo.

Repetidas vezes, Leandro, todo cuidadoso e previdencia, despertara a attenção d'aquelles traquinas, prevenindo-lhes de que não tocassem no vidro rotulado com a palavra *Phenol*; pois que, bastava uma gotta do liquido que alli se continha para queimar a parte por elle attingida, branqueando a pelle e produzindo uma resicacão imminente.

— Por isso, cuidado, meus filhos, cuidado; e não vos arrepentidas si vos trahir a tentação da vossa mobservancia.

Mas não; os meninos na maioria das casas zombam dos conselhos dos paes, e muito principalmente quando não comprehendem a natureza do perigo que provocam contra a sua pequenina pessoa.

Edmundo como que prescrutinava a má consequencia do seu brinquedo; mas nenhuma força reagente se erguia alli contra a vontade ainda não domesticada, contra o dictame da consciencia ainda inculta.

D'ahi comprehende-se a desvantagem que resulta do permittido agrupamento das creanças em determinados lugares, onde fazem brinquedo, sem uma testemunha de vista que possa bradar contra a desinvol-

NINON DE LENCLOS

escarnea d'iruga, que jamais osun manchar-lhe a epiderme, já possuiva dos 80 annos conservavase joven e bella, tirando sempre os pedacos da suociedade lupistica que rasgava á carada tempo, cuja foice embatavase sobre sua encantadora physionomia, sem que nunca deixasse o neutro trapo. «Muita verde ainda!» via-se obrigado a dizer o velho rubicundo, como a raposa de Lafontaine diziu das uvas. Este segredo, que a celebre egoista nunca jamais confiava a quem quer que fosse das pessoas daquelle época, descobriu-o o Dr. Leconte entre as folhas de um volume de *L'Histoire amoureuse des gaules*, de mess. Labruin, que fez partida bibliotheca de Voltaire e é actualmente propriedade exclusiva da **PARFUMERIE NINON, Maison Leconte, Rue du 4-Septembre, 11 a Paris.**

Esta casa tem na á disposicão das nissas elegantes, sob o nome de **FERTILE EAU DE NINON**, assim como as receitas que d'ella provém, por exemplo, a

DEUET DE NINON
pó de arroz especial e refrigerante;

Le Savon Crème de Ninon
especial para o rosto que limpa perfeitamente a epiderme mais delicada sem altera-la.

LAIT DE NINON
que dá alvura deslumbrante ao pescoço e nos hombros. Entre os produtos concelhidos e apreciados da **PARFUMERIE NINON** conta-se:

LA POUËRE CAPILLUS
que faz voltar os cabellos brancos a cor natural e existe em 12 cores;

SEVE SOURCILIERE
que augmenta, engrossa e firme as pestanas e os supercilios, no mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar.

LA PATE ET LA POUËRE MANODERMALE DE NINON
para humra, alvura brilhante das mãos, etc., etc.

Convem exigir e verificar o nome da casa e o endereço sobre o rótulo para evitar as emulções e falsificações.

PARFUMERIE EXOTIQUE E. SENET
35, Rue du 4-Septembre, 35, PARIS

MÃO DE PAPA de linque, de principio, por uicio da **Pâte des Prélats**, que embranquece, clia, asseca a epiderme, impede e destrúe as frieiras e as rachas.

UM NARIZ PICADO de pepenas, de borbillas ou com travos torna a re-aperar a sua bran-ura pizivisa e suas côres lisas por meio do **Anti-Bolbos**, produto sem igual e muito contrafeito.

CUIDADO COM AS CONTRAFACÇÕES

Para ser bella, encantar todos os olhos leve-se servir da Fleur de Pêche pó de arroz feito com frutos exóticos.

POUCOS CABELLOS
Fazem-se crescer e cerrados empregando-se o **Extrait Capillaire des Benedictins du Mont-Majella**, que tambem impede que caiam e que liquem brancos.

E. SENET, Administrador, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

NÃO ARRANQUEM MAIS
os dentes estragados, se não os arranqueiros com o **Extrait dentifrice des Benedictins du Mont-Majella.**

E. SENET, Administrador, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

Racahout
DELANGRENIER

Alimento Completo
agradavel, leve e facilmente assimilavel

O verdadeiro RACAHOUT dos ARABES Delangrenier é o

Melhor alimento das Crianças
desde a idade de 7 a 8 mezes, e principalmente no periodo do desmamar.

TAMBEM é recomendado as mães quando dão de mamar, aos convalescentes, aos anemicos, aos velhos; em resumo, todos os que precisam de fortificantes.

Exigir a marca verdadeira
DELANGRENIER-PARIS

É encontrado em todas as PHARMACIAS

VINHO DE CHASSAING
DIVERSIVO
Recellado ha 30 annos
CONTRA AS AFFECÇÕES DAS VIAS DIVERTIVAS
Paris, Avenue Victoria nº 6.

PHOSPHATINE FALIÈRES

A "PHOSPHATINA FALIÈRES" é o mais amposo e o mais recomendado alimento para crianças desde a idade de 6 a 7 mezes, principalmente quando começam a ser desmamadas e no periodo de crescimento. Facilita a dentição e concorre para boa formação dos ossos.

PARIS, AVENUE VICTORIA Nº 6 E NAS PHARMACIAS

PRISAO DE VENTRE
Laxativo certo, do **O' SOULIGOUX**

PARIS, AVENUE VICTORIA Nº 6 E NAS PHARMACIAS

Perfumaria extrafina

L.T. PIVER
PARIS

Corylopsis do Japão
SABÃO — ESSENCIA — PÓ de ARROZ — OLEO
LOÇÃO VEGETAL — BRILHANTINA — COSMETICOS

Evitar as Imitações e Falsificações

O Trefle incarnat
L. T. PIVER
Perfume de Moda

Violettes de Parme
SABÃO — ESSENCIA — PÓ de ARROZ
LOÇÃO VEGETAL — BRILHANTINA — COSMETICOS

Leite de Iris L. T. Piver
PARA a JUVENILIDADE e BELLEZA do ROSTO
A melhor e mais hygienica de todas as preparações para o touador

Dentifricios Mao-Tcha
PÓ — PASTA e ELIXIR

HOUBIGANT
PERFUMISTA
da RAINHA d'INGLATERRA e da CORTE da RUSSIA
PARIS

AGUA HOUBIGANT
SEM RIVAL PARA O TOUADOR

AGUA de TOUCAOOR Royal Houbigant.
AGUA de COLONIA Imperiale Russe.

EXTRACTOS PARA LENÇOS: Violette Ideale, Royal Houbigant, Peau d'Espagne, Moskari, Iris blanc, Le Parfum Imperial, Moika, Muguet, Gaillet Rouge, Imperial Russe, Elix Idane, Hehotrope Idane, Fougere Royale, Gloriana, Jasmin d'Espagne, Cuir de Russie, Giroflee, Corydalis, Bouton d'Or, Sunrise, Rucoee.

SABONETES: Ophelia, Peau d'Espagne, Violette ideale, Fougere Royale, Lait de Thridace, Royal Houbigant.

PÓS OPHELIA, Tahisman de Belleza.
PÓS PEAU D'ESPAGNE.
LOÇÃO VEGETAL, para os Cabellos.
PÓS ROYAL HOUBIGANT.

PERFUMARIA ESPECIAL MOSKARI



NO LAGO DO REI

tura plena, contra a travessura que entre ellas sempre lavra a socapa.

*

O relógio marcava sete horas e tres quarto.

Na sala de visitas plenamente illuminada o piano gema, o nora, o Pielido da Travata; e Luiza assim bnhada em ondas de luz e de harmonia aguardava, resignada, a volta de Leandro sem de algum modo pensar no que então se occupavam os pequenos.

A espaços de tempo ouviam-se minas vibrações metallicas, uns tenidos que vinham lá do interior: eram os talheres, copos, pratos postos a mesa de jantar, ou as collierilhas que a creada distribuia pelas chicanas enfileiradas no aparador.

No gabinete a luz da lampada se difundia serenamente sobre os objectos, que projectavam sombras no soalho e nas paredes, algumas alongando-se poita a lora.

A estante ali estava de um lado pejada de livros de multiplices formatos.

De outro lado, um esqueleto humano sobreposto a um columna de madeira, todo pintado com os dentes em pupos minusculos: frontal occipital, clavicular, omoplata, rotul, etc.

Sobre a mesa, alem de diversos y dios, um vaporizador, um aspirador pequeno, um stethoscópio, um embryotomo, um lacto densimetro, tesoiras, serras, etc.

Arnaldo poz na cabeça o bonet do Sr. Leandro, pintou-se de bigodes, molhando o dedo na tinta de escrever, e de mãos unidas pelo dorso começou a andar na sala a passos retardados, monologando imperceptivelmente.

— Muito bem! Estais remedando o papá, hein, Sr. Arnaldo? e estridou uma gargalhada argentina que Edmundo não pode conter, apreciando os toques de ridiculo que matizavam a figura comica do seu irmão.

— Cala-te si não queres perder o gosto de provar a gazoza.

Nova gargalhada explodiu repentinamente na franca expansão da mais inoffensiva zombaria, da mais innocente chausa.

— Sim meu doutor, mas me pareceis mais um soldadinho de chumbo...

Riram-se ambos.

Leandro, que já havia chegado, após algumas palavras trocadas com D. Luiza, perguntou pelos pequenos e foi surpreendido-os no seu gabinete.

— Menino, disse Arnaldo para Edmundo, agora vais ver qual a influencia do gaz acido carbonico... como li diz o papá...

— E quem lhe mandou fazer isto, replicou Leandro da porta, risinho.

Os dois liscaunos ficaram tomados de surpresa: e Arnaldo escondia os bigodes com as mãos, enquanto Edmundo occultava atropelladamente, accessado pelo medo, numa precaução alvar, o acido phenico já diffuso pela mesa em estreitas litas transversaes.

Leandro, comprehendendo, correu a pegar o pequeno. Porém, este mal soffrera; o chale de seda da mamã, como que procurou enxugar o acido e occultar o seu delicto, estava striado de largos traços, marchetado de laivos negros, porque o verniz da mesa largara facilmente alli.

E Arnaldo, de bonet mettido ate as orelhas, escondia, aturdido, os bigodes com as mãos.

ESTAÇÃO GOMES.

DESAMORAVEL

Sente, ás vezes, amor o tigre hircano;
Piedade inspira o tímido leproso;
E arrebatado e fero criminoso
Acha perdão n'um regio peito humano;

Do ether e dos mundos soberano
O sol ao lyrio humilde e perfumoso
Dá pet'las do setim mais primoroso
Aos maos perdões Deus o mal e o damno.

Sómente o meu olhar em vão procura
No teu olhar um laivo de piedade
Que ponha termo a minha desventura!

Mas tu, com requintada crueldade,
Tu, vaidosa de tua formosura,
Pretendes mais amor que a Divindade!

A. AZAMOR.

A Oração

Nada ao ser humano acontece no decurso da sua existencia, senão porque Deus o permite.

Pae de infinito amor e misericordia, Elle sómente quer o bem para seus filhos.

E se tudo quanto nos acontece, e porque Elle o permite; pois que o que Elle não permite não pôde absolutamente acontecer; devemos nos ficar tranquilos na convicção de que e para nosso bem que Deus o permitto.

Assim, todos os que suppomos desastres e infortunios que nos succedem na nossa transitoria existencia, não são se não beneficios que o seu amor nos proporciona para a eterna felicidade do nosso espirito immortal.

Por isso, em vez de blasphemar quando um grande soffrimento nos accommette, nos devemos antes agradecer o ao Bom Deus, que assim nos está testemunhando a sua omnisciente providencia para commoço.

Na profunda ignorancia em que estamos do que nos e verdadeiramente util, muitas vezes succede que usando e abusando da liberdade que Deus concede ao nosso espirito de querer tudo quanto nos apraz, lhe pedimos e rogamos teimosaente que nos conceda a satisfação de gosos que lhe desagradam pelas penosas consequencias que em sua omniscencia prevê, e ás quaes nos quer poupar.

E quando, cedendo a teimosia das nossas preces, Elle nol-os concede, ainda assim o seu amor se nos manifesta na justiça com que confirma a liberdade que concedeu ao nosso espirito de querer até o que lhe desagradava e nos é nocivo, e na lição, que nos permite, de adquirirmos pela nossa propria experiencia o conhecimento do que nos é util.

E assim que devemos entender o sentido da seguinte parabula que o Divino Mestre propoz aos seus discipulos, quando estes lhe pediram que os ensinasse a orar.

S. Lucas capitulo XI.

5. . . «Se qual-quer de vós tiver um amigo e for ter com elle a meia-noite, e lhe disser: Amigo empresta-me tres pães.

6. Porque um amigo meu araba de chegar a minha casa de uma jornada, e não tenho que lhe pôr diante.

7. E elle, respondendo-lhe de dentro, lhe disser: Não me sejas importuno, já esta fechada a minha porta, e os meus creados estão como eu tambem na cama; não me posso levantar a dar t'os.

8. E se o outro perseverar em bater, digo-vos que no caso que elle se não levantar a dar-l'hos por ser seu amigo, certamente pela sua importunação se levantará e lhe dará quantos pães houver mister.

9. Portanto eu vos digo: Pedi, e dar-se-vos-ha; buscae, e achareis; batei, e abrir-se-vos-ha.

10. Porque todo aquelle que pede, recebe; e o que busca, acha; e ao que bate, se lhe abrija.

11. E, se algum de vós outros pedir pão a seu pae, acaso dar-lhe-ha elle uma pedra? Ou se lhe pedir um peixe, dar-lhe-ha elle, por ventura, em lugar do peixe, uma serpente?

12. Ou, se lhe pedir um ovo, por ventura dar-lhe-ha um escorpião?

13. Pois se vós outros, sendo maus, sabeis dar boas dadas a vossos filhos, quanto mais o vosso Pae Celestial dará bom espirito aos que lho pedirem.

Vi-se, pois, que o Divino Mestre, ensinando os seus discipulos a orar: — Pae nosso que estás nos céus, santificado seja o teu nome. Venha a nos o teu reino. Seja feita a tua vontade, assim na Terra como no Céu. — lhes deu, com a citada parabula e as reflexões de que a seguia, a comprehender que somente nas preces d'essa oração devem consistir todas as supplicas ao nosso Bom Pae Celestial; pois que todas as que d'ellas exceedem procedem do mal.

O amigo que fora de horas chega a nossa casa e a quem desejamos dar o pão que não temos, mas que a vaidade de ostentarmos o que não possuímos nos obriga a ir importunar aquelle que cremos nosso liberal amigo, outra coisa não significa se não o mau desejo que nos entra no coração de gozarmos o que não é util nem licito, e que nos induz a rogar insistentemente a Deus que nol-o satisfaça. E que Deus, vendo na nossa insistencia a cegueira da nossa ignorancia, não tanto por ser nosso amigo, como por nos querer abrir os olhos do entendimento, nos dá quanto houver-mos mister para a nssa edificação.

E nas reflexões das dadas dos paes aos filhos quiz Jesus demonstrar que ainda mesmo permitindo-nos pela nossa importunação aquillo de que nos resulta soffrimentos, nem por isso Deus deixa de manifestar-se ao Pae amoroso, dando-nos com essa edificação o bom espirito que precisamos.

E ainda em relação a insistencia de pedir, affirmando que: ao que pede, dá-se; o que busca, acha; e ao que bate, abre-se-ha, nos dá o Divino Mestre a conhecer a força poderosa da vontade quando, robustecida pela fé, e perseverante no seu querer, faz-nos com que até o proprio Deus nos permita o que não e do agado da sua infinita bondade; mas que Elle e needs para a nssa instrução, tal é a grandeza do seu amor e justiça!

E, pois, evidente em, de todos os males que padecemos em nossa transitoria existencia, som's nos proprios os promotores, e que Deus, em sua omnisciente providencia, os permite em beneficio do nosso espirito immortal, que Elle quer que seja pericito para sua eterna felicidade.

E, portanto, para que esse aperfeçoamento nos seja menos doloroso, nós não devemos querer senão a que for da vontade de Deus, que em sua sabedoria minima melhor conhece o que nos e util, e confiar.



A VOVÓ CONTA HISTÓRIAS AOS NETINHOS

mos plenamente no seu immenso amor, não orando se não como Jesus ensinou aos seus discipulos; pois que n'essa oração está sabiamente resumido tudo quanto a Deus podemos e devemos dizer e pedir.

E se bem assim o comprehendemos e se firmos, e igualmente o praticarmos, encontraremos na tranquillidade da nossa alma o melhor testemunho de que a Providencia Divina vela constantemente por nos.

E que tudo quanto d'essa Providencia nos provém, não nos é por Ella permitido, se não para preparar-nos maior sollimento, tanto n'esta transitoria existência, como na vida eterna do immo espirito, que o bom Pai Celestial quer que seja Bemaventurado.

VICTOR A. VIEIRA

Mozaico

O defeito intellectual mais commum é a falta de juizo. A sociedade, em geral, não ignora so a educação do juizo, mas tambem ate essa ignorancia.

O teu vulto gracioso
Por toda a parte eu diviso
E's tu o meu coo ditoso
Ou es o meu paraizo?

Num lago de jrendas:

—Ali vae una barquinha carregada de... P, diz uma senhora.

—Phosphoros! brada o cavalheiro que fica mais proximo.

—Ih! phosphoros com r, que grande tolice, exclama uma morena.

Na Photographia Bastos:

—Em que posição quer vossa senhoria que o retrate?

—Em pé, com um livro na mão, de modo que se veja que estou lendo em voz alta as Rimas sem arte, do Correia de Azevedo.

A VIDA

FERNANDO CALDEIRA

Abri meus olhos ao raiar da aurora
e parti. Veiu o sol e então seguia,
a sombra que eu julgava guardoia,
a minha propria sombra fugidia.

E foi subindo o sol; a meio dia,
escondeu-se-me aos pes a sombra;
e agora, se volto o olhar onde passoi outr'ora,
vejo a seguir-me a sombra que eu seguia.

A gente é sol d'um dia; sobe, avança,
passa o zenth e vae na immensidade
apagar-se no mar onde se lança...

E a vida e a propria sombra; meia edade
somos nos que a seguimos e a «esperança»,
depois segue-nos ella e é a «sauidade».

CHRONIQUETA

Rio, 8 de Fevereiro de 1900.

Decididamente não é preciso ser nenhum Pangloss, para reconhecer que estamos n'um paz ideal. O quadro horroroso da incrível mortandade produzida pelo calor na população de Buenos-Aires, deve ensinar-nos a supportar com mais resignação as inclemencias da temperatura. Já é uma consolação dizer-se que no Brasil ninguém morre de calor nem de frio.

A hora em que escrevo estas mal traçadas linhas, as cigarras cantam, e o seu canto chama-se aquillo canto! que produz o effeito da chiadeira de uma grelha onde a humanidade inteira se estivesse assando; entretanto, se a chaleur est soufflante como se conta-va outr'ora no Alazar, o estado sanitario é excellent, e tivemos um Janeiro que dispensava Petropolis, Friburgo e outros pontos de villégiatura.

O ultimo janeiro do seculo XIX ficara registrado com letras de ouro nos annaes meteorologicos do Rio de Janeiro. Deveriamos erguer-lhe um monumento, em cujo pedestal os nossos posterios lessem:

AO MEZ DE JANEIRO

1900

OS CARILHAS RECONHECIDOS

O Dr. Cezario Alcibi, prefeito do districto federal, zangou-se com o Ministerio dos Negocios Litterarios e com a Directora de Saude Publica, e deu a sua de missão, sendo substituido pelo notavel jurista consulto Dr. Coelho Rodrigues, que goza da fama de ser um homem ás direitas.

O Dr. Cezario Alcibi, se não deu um traço humnoso da sua passagem pela prefeitura, foi, pelo menos, um funcionario escriptuloso e digno, que mais não fez porque mais não ponde fazer.

E real mente coisa muito difficil administrar os negocios municipaes sem aquillo com que se compram melões, e cercado por uma nuvem de devotos do venha-a-mos.

Veremos o que faz o Dr. Coelho Rodrigues. Deus o illumine!

Não quero enfastiar as formosas leitoras d'A Estação com os escandalos da apuração eleitoral, digno complemento das proprias eleições; prefiro recomendar-lhes o novo livro de versos de Li. Lopes, o auctor d's C. Inimicos, dos Brancos, de Simão Faria e de outras ve-lhinas farrasas.

O novo livro tem a thezoso titulo de Val de Jirus, e é digno dos precedentes.

Pello Wengartiner, o grande pintor lazarero, de passagem de Roma para Porto Alegre, demorou-se alguns dias nesta capital, e expoz na galeria Cam-larso cinco telas, duas das quaes o collocam definitivamente a par dos artistas mais emdeados da Europa.

Que esta seja na exposição de arte nos conole dos theatrinhos das casas de choppes e dos cafes cantantes que vão, ao que parece, invadindo os nossos costumes.

Um morto - Rangel de S. Paulo, zeloso e honrado empregado de fazenda, que consagrou grande parte da existencia ao cultivo das bellas-letras, conseguindo sobresahir da multidão dos litteratos anonymos.

Foi um bellissimo character; deixa a melhor lembrança na coação dos seus amigos, que eram muitos

ELOY, O HEROE.

THEATROS

Rio, 8 de Fevereiro de 1900.

Continuemos na ultima chronica, foi exhibida em dous theatros, no Recreio e no Variedades, a comedia em 3 actos, de Alexandre Bisson, 115, rue Pi-galle.

No Recreio a peça foi adaptada a scena brasileira por Orlando Teixeira, que lhe poz o titulo de Rua dos Arcos n. 100, e no Variedades traduzida por Machad-Correia, que conservou o titulo original, Rua Pisgalle, 115.

Da tradução nada temos que dizer; da adaptação diemos que o trabalho de Orlando Teixeira é bem feito, embora os personagens da peça e o meio em que esta se desenvolve não se prestem absolutamente a uma translação.

Tanto n'um como n'outro theatro o desempenho dos papeis teve altos e baixos, — mais baixos do que altos. O publico brilha pela ausencia tanto na praça Tira-dentes como na rua do Espirito Santo. Esta prova-do que os fluminenses emlirram com o annuncio da mesma peça em dous theatros.

A empresa do Variedades já annuncia para hoje o Castello do Diabo, dramalhão em que apparecem, depois de longa ausencia, a actriz Apollonia Pinto, e no Recreio já tivemos hontem uma das mais engraçadas comedias de Labiche, — Dese-se dizer? Infelizmente a peça, que exige grande harmonia na representação, resentiu-se da falta de ensaios.

E assim vae o theatro nesta capital, que a pouco e pouco esta sendo invadida pelo cafe cantante e pelos theatrinhos das casas de choppes.

E o dubito — não pouco — arrecadado para a fundação do celebre Theatro Municipal dorme nos cahes da Intendencia a espera da boa vontade de um pre-fetto que tenha a alguma conta a arte dramatica.

Que farei o Dr. Coelho Rodrigues?

Esta em ultimos ensaios, no Apollo, a burleta em 3 actos e 2 quadros A vinda Sarah, do nosso collega Arthur Azevedo, musica e Costa Junior.

Ha grande anxiedade pela peça, que vae ser bem representada e com muito muito luxo e propriedade de encenação.

N. Y. Z.

Novidades Musicas

Recebemos e agradecemos

E. Bevilacqua & C., Sothernino, musica de J. Queiroz.

M.ª Gazzaniga & M.ª Bier

COM ATELIER DE COSTURAS

28 — Rua Gonçalves Dias — 28

ESCRIBATO

Encarega-se de Lutas,

Encarregas para Casamentos e toda e qualquer trabalho

converente a sua arte

RIO DE JANEIRO

Casa Lombaerts

A mais antiga agencia de assignatura

PARIS
JORNALS ESTRANGEIROS
LIVRARIA

A. Lavignasse Filho & C.

PROPRIETARIOS DO JORNAL DE MODAS

A ESTAÇÃO

que se publica a 15 e 30 de cada mez.

A Estação tem 21 annos de existencia. Publica magnificos figurinos coloridos, folhas de moldes numeroes desenhos, finalmente tudo quanto diz respeito ao vestuario para senhoras e crianças, bem como aos mil objectos de adorno das casas. O texto é tão claro tão explicito, que qualquer senhora, mesmo sem grande pratica de costura, pode utilisar os moldes, os figurinos, os desenhos, etc., realisando assim uma grande economia.

A Estação publica em todos os seus numeroes um supplemento litterario, com gravuras, que so por si vale o preço da assignatura e nunca menos de quatro supplementos musicas por anno.

Nenhuma outra publicação similar dispõe dos elementos com que conta A Estação para servir aos seus numerosos assignantes, cuja lista augmenta de anno para anno.

TREÇO DA ASSIGNATURA

Table with 3 columns: Price (12 mezes, 11, 10, 9, 8, 7, 6, 5, 4, 3), CAPITAL, INTERIOR. Values range from 26\$000 to 8\$000.

7, Rua dos Ourives, 7

RIO DE JANEIRO

CALLIFLORE

FLOR DE BELLEZA

Pós adherentes e invisiveis

Grças ao novo modo porque se empregam estes pós comuntentem ao rosto uma maravilhosa e delinada belleza e deixam um perfume de exquisita suavidade. Alem dos brancos, de notavel pureza, ha outros de quatro matizes diferentes, Rachel e Rosa, desde o mais pallido até ao mais colorido. Poderá pois, cada pessoa escolher a cor que mais lhe convetia ao rosto.

PATE AGNEL

Amygdalina e Glycerina

Este excellent Cosmetic branco e amacia a pelle, preserva-a do Cieiro. Irritações e Comichões tornando-a avelludada; pelo que respeita as mãos, dá solidez e transparencia ás unhas.

AGNEL, Fabricante de Perfumes, 16, Avenue de l'Opéra, Paris.

Em suas suaves Casas de venda por mundo nos barrios mais ricos de Paris

Advertisement for NEUROSINE PRUNIER. Includes text: Reconstituinte geral do Systema nervoso, Neurasthonia, Debilidade geral, Anemia Phosphaturia, Enxaquecas. CHASSAING & Co. Paris, 6, Avenue Victoria.

PROTOPTEROS

DESCONHECIDOS NA EUROPA

O Muséo de Historia Natural do Jardim das Plantas de Paris recebeu a pouco tempo, do Congo, uma caixa com grandes torrões de lodo que, foram lançados num tanque.

No dia seguinte viam-se neste, peixes completamente desconhecidos na Europa, ou, para melhor dizer, do publico, porque, delles ja tinham noticias os homens da sciencia. Este facto estranho causou admiração em todos os frequentadores do Jardim das Plantas, suppondo que se tratava de um caso de geração espontanea. Nunca ahi se viram semelhantes peixes, apparecidos de um momento para outro.

O peixe em questão pertence á classe anormal dos «protopteros». Vive nos rios e nas lagoas.

Quando estas seccam, no estio elle mette-se no lodo e, rolando com o corpo, forma em volta de si um involucro, dentro do qual se encerra como a crysalida dentro do capucho. Ahi se conserva durante todo o tempo da secca, havendo uma suspensão temporaria da vida do animal.

Cahem as primeiras chuvas as lagoas enchem, o lodo amolece, e os peixes principia logo a nadar. Foram torrões de lodo tirados do fundo das lagoas secca, do Congo, que os Directores do Muséo do Jardim das Plantas mandaram vir, para por esse meio estranho se transportar para França esta especie rara e curiosa de peixes, que offereceu á sciencia objectos tão digno de estudo e de observação. O involucro é forrado com um «mucus» abundante que o peixe segrega em volta de si. Estes «protopteros» vivem bem em aquarios, mas é preciso isolal-os, porque vindo-se em espaço tão estreito, devoram-se uns aos outros.

O frade arengueiro

O POETA DE NABREGAS

Da-se actualmente na litteratura dramatica portugueza um proprio renascimento. Os autores ja consagrados pelo publico, estão buscando para protogonistas, assumpto e meio das suas produções, personagens accentuadamente nacionaes, factos da nossa historia, uzos e costumes do nosso paiz.

Para a época do theatro D. Amelia, que começa, estão destinados originaes do grupo completo dos escriptores que nestes dias colhem os lauros do theatro nacional, e todos elles seguiram essa abençoada orientação.

Este facto trazia agora, naturalmente, a talhe de fonte, a deducção da moral que ha a tirar do problema economico da *litter-concurrencia*, applicada á exploração das nossas scenas dramaticas; e por consequencia, a recente reforma do nosso intitulado *theatro normal*. Abstenho-me, porém, voluntariamente de encetar esse capitulo, que reservo para occasião opportuna, e mais demorado estudo do que um artigo de jornal.

Entreos originaes portuguezes que o publico applaudirá em breve, disseram-me que se ha de notar o de uma opereta em que um dos autores mais queridos das nossas platéas, o Sr. Eduardo Schwalbach, apresentara o typo, eminentemente portuguez; de Frey João de Nossa Senhora, uma das figuras mais populares da Lisboa do tempo de D. João V, e conhecido pelas alcunhas de: *poeta de Nabregas*, e de *frade arengueiro*.

Esta escolha, muito acertada, dara de certo a um escripto para quem o theatro não tem segredos, como o Sr. Schwalbach, o ensejo de fazer uma peça alegre, que se torne agradável a grande maioria dos que no theatro preferem encontrar uma compensação das tristezas e cuidados da vida, mas que tenha além d'isso o grande merecimento litterario de representar com verdade uma das mais interessantes épocas da nossa historia.

O reinado de D. João V, tão cheio de coisas grandes e de coisas pequenas, tão magnanimo, sob varios aspectos, tão mesquinho sob outros, tão litterario e tão anajphalato, tão religioso e tão livre, é d'aquelle que, para ser tratado no theatro, com a forma dra-

matica, apresenta escabrosidades dificeis de fazer passar ante o publico, quando se não queira faltar á verdade.

Mas tratado no dominio da comedia, tem, na sua frivolidade, no accentuado sabor litterario-poetico do tempo, nas galas que ostentava, no galanteio em que se expandio, a vastidão, a propriedade e a riqueza de uma verdadeira mina.

E d'essa mina, um dos blocos mais valiosos que se podem extrahir e apresentar, como amostra, é de certo o poeta de Nabregas. Trazido para a scena, e posto a brilhar, com o concurso do encanto poetico da época que representa, e a animação da musica de opereta, este personagem ha de agradar e captivar forçosamente o publico, como lhe agradava o celebre Frey Martiniano do *Pepe Hillo*, leigo e toureiro, a quem, na traducção que o chorado Fernando Palha fez da graciosa zarzuela, o famoso espada, protogonista da peça, descreve nesta bella tirada:

Que leigo aquelle !
O seu gosto
Era montar num garrano
Pegar num pampilho
E guardar tour-s :
Todo o anno
A quatro mezes limia :
Maio, junho, julho e agosto.
Nesses mezes,
Quando a praça
De espectadores regorgita,
Entra o leigo,
Que febril percorre o circo,
E sobraça minha capa
E minha espada.
Rompe infernal assuada :
Com ademan senhoil,
Faz tres venias
A terceira,
Transpõe soberbo a trincheira,
E passa uma tarde inteira
Sentado sobre o touril,
Sem que taja,
Nem que miya.
Nem que a ninguem de cavaco,
Como se fóra uma coruja
De dia, no seu buraco !

Frey João de Nossa Senhora não era positivamente um frade toureiro, mas era um typo eminentemente popular, figura obrigada na paizagem da Lisboa de D. João V, mais popular do que Pinto Brandão, o improvisador por excellencia dos outeiros nos contos dos conventos, mais do que o Corregedor Bacalhau, e do que o celebre Thome Rodrigues Terra, por alcunha o Campolide, dono da estalagem da rua de S. João, em que se reunião os poetas, as franças e os pealtas do tempo.

Era uma figura indispensavel as idéas de então, pela harmonia que nelle se dava do divino com o profano.

Nos touros reaes do Rocio, como nas cavalhadas da Junqueira, nas novenas do Carmo e de S. Roque, ás portas dos conventos em que se distribuia o caldo aos pobres, ás sahidas dos pateos das comedias, na rua como no paço, em toda a parte, emfim, apparecia o poeta de Nabregas, sustendo com uma das mãos o pequeno nicho de madeira com a imagem de Nossa Senhora Mãe dos Homens, e empunhando com a outra o seu bordão, ferrado em uma das extremidades com uma especie de croque. A sua missão era pedir esmola para construir em Nabregas a capella á Senhora de sua devoção, e arengar ao povo, aconselhando o contra a corrupção dos tempos. Parte em prosa, parte em verso, eram as suas predicas, e d'ahi a chamarem-lhe poeta de Nabregas e frade arengueiro.

Este personagem popular tinha entrada franca no paço da Ribeira a toda a hora, seguia sem difficuldade até a presença de D. João V e da rainha e depois de saudar os reis em verso, pedia-lhes esmola, e fazendo concurrencia aos cegos, que eram os noticiarios verbaes do tempo, annunciava-lhes as proximas festas de egreja, os abbadeas los, as procissões,

as romarias, todas essas folganças porque n'aquelle abençoado e divertido tempo morriam igualmente, clero, nobreza e povo.

Escrevia eu estas linhas quando me chego a noticia, fidedigna, de que um outro dos nossos autores dramaticos laureados, e para o qual o theatro é deserto um caminho aberto de louros e triumphos a colher, estuda tambem neste momento a vida popular do reinado faustoso de D. João V, para sobre elle escrever creio, em drama.

O quadro é tentador, e bem merece a attenção que lhe dera esse escripto de raras aptidões. Não quero ser indiscreto, e por isso não entro em mais pormenorisação do assumpto.

Felicitto-me, porem, por ter sabido que uma opinião de valor em assumptos de litteratura dramatica, para tratar a época do rei Magnanimo, preferiu a vida popular, á da sociedade elevada e palaciana. Esta achase tratada, e bem tratada, incontestavelmente, em romances, por escriptores nossos dos mais notaveis como Rebello da Silva e Camillo, e anecdoticamente tambem por autores de nome, como Ribeiro Guimarães, Bernardes Branco, Alberto Pimentel e outros ainda.

No romance, porém, é mais facil retratar aquelle tempo com verdade, sem ferir questões melindrosas, de uma época, não ainda muito distante. No palco, dando-lhe a vida animada da scena, teria isso suas difficuldades.

Mas, a par d'estas condições especiaes, ha naquelle tempo tanta poesia, tão caracterizada vida nacional, tantos claros e tantos escuros, que a litteratura dramatica não pode deixar de lançar mão d'elle como thesouro a explorar, mesmo abstrahindo, e abstrahindo até propositalmente, da trivial *vilalage* sobre a vida escandalosa de frades e freiras.

Ha naquelle tempo, mesino na vida monacal, e nas crendices e fanatismos sociaes muitos typos e muitos factos, capazes de com elles se fazer boa arte e boa litteratura dramatica, como eu creio que vae apparecer.

ARTHUR LOBO D'AVILA.

JESUS

Quando Jesus, de olhar doce e sereno,
Prégando a sua nova idéa, outr'ora,
Passava, vinham moças cor d'aurora
Saudal-o, com eu riso franco, ameno.

Elle entretanto, assim victorioso
Seguia sempre a sua propaganda
Contra o vicio, e toda a paixão nefanda,
Desprezando mesmo as seducções do gozo.

Nada o perturbava... Nem quando nua,
Mostra-se-lhe Claudia ao clarão da lua
Aos hombros solto seu cabello basto.

Nem Magdalena, a mystica perdida,
Pode vencer— astuta arrependida,
Porque Jesus era, (coitado!), casto...

(Do livro *Pó*).

MAYA CONDE.

Victima do Trabalho

Martyros da Civilisação

Não é muito raro apparecerem nos jornaes narrações dolorosas e pungentes de mortes desastrosissimas, que um acaso infeliz preparou ao desventurado operario, quando pondo o pé em falso, veio cahir de seis ou oito metros de altura ao algado pavimento da rua, onde encontrou a punhalada da morte. E os lances afflictivos da victima pintam-se a rigor com cores negras, que ensombram a alma do leitor e lhe golpeiam o coração.

São as victimas do trabalho, perante cujo athude devemos curvar a cabeça e ajoelhar espiritualmente. Soterrados numa pedreira, entulhados, numa casa que

desabou, rebentados no meio do chão por uma queda desastrosissima, esmagalhados com o volante de uma machina, queimados numa explosão, afogados num póco, leitos pedaçados por uma pedreira que a dynamite fez estourar, a memoria de tres homens bem merece a nossa respeitosa condolencia. Victimias a um tempo do dever e da necessidade, cahiram trabalhando pela civilização e para a civilização, producto de conjuncto de todos os esforços, de todas as actividades, de todas as energias, desde as energias cerebraes do homem da sciencia até as forças materiaes do rude mineiro.

Glorificão e um dever cívico; mas e mister não esquecer nunca que ha outros, e tantos outros, que tambem pagam com a vida as audacias do homem na sua luta com a natureza, que outros e muitos nomes tem de se junta a essa longa e funebre ementa de victimias,

Com effeito fornecerá a classe operaria a grande lista das victimias do trabalho, mas de outras classes sae o glorioso rol dos martyres da civilização. E uns e outros o que são afinal?

Victimias do trabalho, porque esta victima está em toda a parte. E' o marinheiro no mar alto, que a tempestade transformou de lago de esmeraldas, com recamos de prata, em barathro immenso, em sorvedouro medonho, onde vae expiar; e o chimico, arrancando a sciencia as combinações dos atomos, para d'elles se servir a bem da humanidade, e inutilizar-se no meio das suas investigações; e o professor preparando uma experiencia para lição dos seus alumnos, e morrendo victimado por essas preparações; e o industrial, ao applicar com menos fortuna, na vida pratica, as combinações que o sabio engendrou no seu gabinete, e sucumbir, quando tenta realizar o pensamento do sabio; e o geologo, que, levado pela ancia do estudo, se abeira de um vulcão, que o sorve inesperadamente, e o insinera e pulveriza num momento; e o geographo, ao subir a uma grande altitude, para realizar as suas observações, e ahí sentir a vertigem das alturas, que o faz resvalar ao fundo do valle, já inerte e amachucado; e o mathematico, calcinando-se ao fogo do proprio talento ao procurar descobrir novos theoremas; e o padre ao entrar com a palavra de Deus num hospital, e sair de lá inquinado de enfermidade mortifera; e, enfim, toda essa legião de homens, que se agitam e trabalham, cheios de aspirações insaciaveis, debatendo-se e contorcendo-se, enroscados pelas serpentes do desejo, para a conquista do ideal, para a grandeza da civilização, que é, na phrase de um grande genio, uma cidade immensa, da qual todos somos concidadãos.

E vem isto a proposito da morte do dr. Camara Pestana, exemplo culminantissimo para melhor provar que ao lado das victimias do trabalho caem tambem, varados pela fatalidade, os martyres da civilização, os martyres da humanidade, que, como aquelles, a sociedade aguilhoa as suas necessidades, ás suas exigencias e até aos seus caprichos.

Pois foi uma d'essas victimias, e das maiores aquelle homem, aquelle sabio, aquelle benemerito, aquelle martyr, aquelle christo d'uma religião da sciencia, que teve, como o Supplicado do Golgotha, uma mortragica teem recompensa da sua dedicação a humanidade. E nem faltou a essa scena lancinante o vulto venerando e santo d'uma mulher mãe, que em taes transe se reveste com os nimbo idéaes do sobrenatural, porque não tem a comprehensão humana, em toda a alegria do sentimento, uma só palavra, que possa reproduzir aquella gigantesca e incomparavel dor de mãe, que do limiar da porta do quarto olha para o filho, a vida da sua vida, e o vê a morrer, despedindo-se d'ella sereno e tranquillo, mas sem ao menos poder gozar a ventura, que até aos condemnados é permitida—beijar a sua mãe, que está ali, á vista e a dois passos de distancia, a fallar-lhe e a amargura.

E sublimo senhora, eu não vos conheço mas eu vos uma religiosidade tal, que nós sentiu os dobrar-se-nos o joelho, porque vos fez a dor, á qual eu compario a incommensuravel dor d'aquella outra mulher, que de um pe-

queimou me ensinaram a venerar como a maior Martyr para a maior gloria da humanidade. Que noavel semelhança entre a vossa dor, senhora, e a d'aquella outra Mãe, que viu expirar o filho no alto da Cruz, onde rávava o diadema resplandecente de luzes que haviam de vir mais tarde diluir toda a materialidade das civilizações do passado, para engri a espirituall, sação das sociedades modernas. E para quem soffre assim ha, no coração de todos que sentem um throno, onde se aleantara quem tanto padecer; ahí tendes um logar inconfundível para o espirito de todos. não martyri pela perda de um tal filho, morto no cumprimento do dever mais altruista, e no beneficio mais santo para a humanidade.

E quando se analysa em toda a sua excepção grandeza a morte do dr. Camara Pestana, com circumstancias que a rodearam defrontamos então um quadro que nenhum pintor pode reproduzir, scenas que nenhum escriptor sabe copiar, nem actor algum é capaz de repetir no tablado, porque aquellas figuras excedem a nossa intelligencia; tal é a magnitude que apresentam todas, o moribundo só pensando na sciencia, o mãe sentindo rasgar-se-lhe fibra a fibra o coração confrangido e alanceado, e o medico, o amigo, aquelle extraordinario dr. Bello de Moraes, abraçando o companheiro, o martyr, cujo halito todos tinham de evitar; —semelhante quadro fez-nos então sentir quanta verdade encerram as palavras daquelle celebre escriptor que affirmou ser a maior difficuldade do romancista o reproduzir as inverosimilhanças da vida.

Extraordinaria e estupendissima heroicidade a de todos que alli se congregaram!...

Conta a historia que Lavoisier, o grande e heroico Lavoisier, esse homem que legou á humanidade uma das mais opulentas heranças scientificas, sendo condemnado a guilhotina, pediu aos juizes revolucionarios, ou antes aos verdugos revolucionario, uma dilação de quinze dias só, quinze dias, para concluir trabalhos uteis á humanidade; e depois então a morte não o assustava, iria, sosegado e imperterrito, depór a cabeça no cadafalso, aquella cabeça, que foi uma das maiores que a França tem produzido, e que ainda na vespera do dia, em que tinha de rolar na cesta ensanguentada do carrasco, se ostentava coroado de loiros.

Tambem o dr. Camara Pestana, já agonisante com minutos de vida apenas, conhecendo e sentindo que só por minutos podia ter acesa a scintilla na lanterna do craneo, pensava unicamente na sciencia e na humanidade, a que se votara, e a sua unica aspiração era deixar para analyse a urina de pestifero muribundo, para que d'ali, d'aquelle lacto até hoje ainda não alcançado se podesse colher mais algum beneficio a favor da humanidade, á qual elle tinha sacrificado a sua vida curta, mas gloriosa, e pela qual morria tragicamente, mas grande

Martyres abençoados da civilização sois, tão nobres em vossas almas, tão divinos em vossas aspirações, tão superiores, que a humanidade não vos comprehende, porque a humanidade e todo este conjuncto de homens, que vos tentas arrancar as garras aduncas das doencas, que os dizem, mas que se matam uns aos outros, aos milhares, como se foram alcatéas, inumeras de monstruosas feras!...

Martyres da civilização, quem vos pagará tantas e tão grande heroicidades?...

ANSELMO VIEIRA.

Economia rural

HYGIENE DA VACA LEITEIRA

O Sr. P. Dechambre analysando, numa revista franceza, as condições hygienicas que modificam a produção do leite, dividiu-as em tres categorias: as que se relacionam com os «agentes exteriores» as que se relacionam com o «funcionamento da ubre», e as que se relacionam com a «alimentação.»

Em seguida, passa a estudar as primeiras, as relativas aos «agentes exteriores». Para proceder com methodo trata successivamente da orientação do estabulo, da ventilação, da temperatura do estado hy-

metrico e, finalmente da luz. Fazemos um apanhado fiel das indicações que deu.

«Orientação».—A orientação não deve expor o estabulo a ventos demastado quente ou excessivamente frios.

«Ventilação».—A renovação do ar é necessaria; mas deve se fazer de preferencia sem a presença dos animaes.

Os antigos acreditavam, erradamente, que os estabulos não devem ser arrejados. Tambem acreditavam que as vacas de peito estreito e contralido são as melhores leiteiras; é um erro: todo o animal dara tanto maior rendimento quanto melhor funcione o seu organismo. A vacca deve ter o lombo e a bacia ampla.

A ventilação muito viva pode abaixar a temperatura; a excitação que produz sob os phenomenos respiratorios tende á destruição de principios nutritivos utilisaveis na produção do leite.

«Temperatura».—Esta deve ser agradável e mantida quanto possível perto do 14°.

«Estado hygrometrico».—É um ponto importante, este: é necessario que a atmospha seja mantida tão humida quanto possível. Fundamento o autor a asserção com as seguintes palavras:

«Em toda a parte onde a atmospha é humida, a temperatura agradável e quasi constante, encontram-se boas raças leiteiras; o contrario se observa em situações oppostas de clima secco e calido.

Vejamos o littoral do mar do Norte; e habitado pelas raças bovinas grandemente leiteiras; hollandeza, flamenga, normanda, jersey, bretã, que todas acham naquella situação geographica particularmente favoravel um clima humido, uma temperatura agradável, ao mesmo tempo que campos de hervas tenras, que tambem ajudam a produção do leite.

Vejamos as raças bovinas da Suissa: sua situação não differe de modo essencial da das raças precedentes: vivem numa região onde numerosos lagos entretem uma atmospha, humida, em profundos valles ou sobre montanhas em cujos flancos pairam nevoas constantes.

Consideramos agora as raças meridionaes: são em geral mais leitoras; o clima quente e secco exhaure todas as secreções, inclusive a secreção lactea

E' por isso que o homem deve esforçar-se para realizar em torno desses animaes o meio natural que faz de certas regiões logares privilegiados para a produção do leite

Obtem-se esse resultado pelo estado hygrometrico, lavando o estabulo com agua abundante, mantendo o solo humido, nas passagens, nos corredores mas conservando a cama do animal perfeitamente secca.

«Luz».—Deve penetrar pouca luz no estabulo.

São estas as prescrições do Sr. Dechambre, «quanto aos agentes exteriores».

FINIS

Eu sei que a morte ha de rouhar-me um dia
E ha de colher-me a fronte sonhadora!
Que importa á mim que recrudescça agora
Essa dor que minha alma acaricia?

Vivi sempre na ingrata nostalgia
De amar-te, santa e pallida senhora.
Como quem ama no ramir da autora
O céu azul em mystica harmonia,...

Chega-te morte, vem! em teu regaço
Prende-me o peito num gelado abraço.
Em nome de ta dor que me amortalha...

Hei de tombar, hei de cahir vencido,
Como um guerreiro forte e decidido,
Tombo no immenso campo da batalha!

ALBERTO PORTO ALEGRI

MOLDES CORTADOS

TAMANHO NATURAL

N. 5 — Sala..... 1\$000

Pelo correio mais 300.